



[Economia](#) / [Pré-sal](#) - 07/06/2010

O que fazer com o gás do pré-sal

A ideia inicial era vender para os Estados Unidos, mas os planos terão de ser revistos. Tudo por causa do xisto

Por Darcio Oliveira, do Rio De Janeiro



Estima-se que haja no pré-sal uma reserva em torno de 190 a 200 milhões de metros cúbicos de gás

Novas tecnologias, estrutura logística inédita e uma intrincada engenharia financeira são "apenas" os primeiros desafios que o **Brasil** terá de enfrentar para tornar viável a exploração comercial de **petróleo** e **gás** na camada **pré-sal**. Após a extração da primeira gota de óleo outro problema vira à tona: o destino do gás que subirá junto com o petróleo.

Explica-se: em explorações ultraprofundas, há uma imensa quantidade de gás associado – ou seja, aquele que acompanha o óleo durante o processo produtivo. Estima-se o pré-sal seja capaz de produzir cerca de 190 a 200 milhões de metros cúbicos de gás por dia, o que representa quatro vezes o volume atual do país. Boa notícia, não?

Nem tanto. Previa-se, inicialmente, que o gás do pré-sal seria quase todo exportado, tamanha era a necessidade de alguns países, sobretudo Estados Unidos, pelo insumo. No Brasil, cuja matriz energética pouco utiliza o gás (ele representa apenas 8%), a demanda interna seria mínima. O volume maior, portanto, ia direto para os clientes internacionais.

O problema é que os Estados Unidos, cuja reserva de gás convencional não duraria sete anos, descobriu o gás de xisto (o chamado gás de rocha). O novo gás aumentou o minguado estoque, estendeu o abastecimento da nação por mais uns 50 anos e ainda poderá ser exportado para vários países da Europa, que andavam refém dos preços do gás convencional russo. Em outras palavras, a descoberta americana, em uma só tacada, esfriou os planos russos e, principalmente, o brasileiro.

A saída agora é tentar criar uma política nacional para o gás e usar praticamente todo o volume do pré-sal no mercado interno – dobrando sua participação como matriz energética. "Podemos usar o produto na indústria petroquímica ou de fertilizantes", disse Armando Guedes Coelho, ex-presidente da Petrobras e atual presidente do Conselho Empresarial de Energia da Firjan, durante o evento Pré-Sal Brasil 2010, realizado no Rio de Janeiro.

Para Coelho, que também integra o conselho do Instituto Brasileiro do Petróleo, a necessidade de criar alternativas domésticas para o gás passa também por uma escolha econômica. Se insistirmos em vender no exterior, diz ele, teremos um preço muito baixo, pois há grande quantidade de outros gases não convencionais – além do fato de que o preço do insumo já se descolou há muito tempo do preço do petróleo. "Outra solução seria renovar a frota de ônibus e caminhões com gás natural. Hoje, importamos diesel para nossos veículos pesados". Taí uma ideia.

<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI145878-16357,00-O+QUE+FAZER+COM+O+GAS+DO+PRESAL.html>